

# **PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DAS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: AS POSSIBILIDADES DA LITERATURA INFANTIL**

**TORTATO**, Cintia de Souza Batista – UTFPR

**GT-23:** Gênero, Sexualidade e Educação

**Agência Financiadora:** CAPES e SECAD-MEC

## **Introdução**

Este artigo trata dos resultados de uma pesquisa realizada a partir do trabalho com literatura infantil em um dos módulos de um curso de capacitação dirigido a profissionais da educação da rede municipal de ensino da cidade de Matinhos<sup>1</sup>, litoral do Paraná. Com carga horária total de 40 horas/aula, foram ofertados quatro módulos, o primeiro módulo com 8 horas/aula abordou conceitos de gênero e diversidade sexual, o segundo, com 16 horas/aula, tratou das questões de gênero e diversidade sexual no ambiente escolar, no terceiro com 8 horas/aula refletiu-se sobre gênero, ciência e tecnologia e no quarto módulo com 8 horas/aula as reflexões foram sobre gênero e diversidade sexual nas mídias.

Entre os(as) participantes do curso estavam profissionais dos vários setores das escolas: professora(e)s, supervisoras, coordenadoras, cozinheiras, inspetoras e inspetores de aluno(a)s, motorista de condução escolar, auxiliares de serviços gerais, atendentes de creche, secretárias, técnicas em enfermagem e estudantes de Pedagogia.

A diversidade de atuação e formação acadêmica dos participantes foi um ponto muito importante no desenvolvimento do curso, pois as reflexões tornaram-se muito mais ricas e extrapolaram com mais facilidade os limites da sala de aula. Foi uma forma de entender que todos participam da educação das crianças em um ambiente escolar, desde a hora em que ela entra na condução que vai levá-la até a escola, passando pelas situações do pátio, da entrada, do lanche, do recreio, dos banheiros e da sala de aula.

## **O módulo em questão**

Este artigo trata das atividades desenvolvidas com literatura infantil no segundo módulo, planejado para trabalhar com o tema gênero e diversidade sexual no ambiente escolar. O trabalho foi elaborado de forma a contemplar as mais diversas situações que

---

<sup>1</sup> Foram ofertadas vagas também para pais, outros profissionais da cidade e membros do Conselho Tutelar de Matinhos.

acontecem em uma escola e que podem proporcionar momentos preciosos para a abordagem de questões de gênero ou de diversidade sexual com as crianças. Atendendo ao objetivo geral do curso: *Preparar profissionais para a reflexão sobre as questões de gênero e diversidade sexual na sociedade em geral e na escola em particular, afim de que promovam uma educação democrática e inclusiva, sem preconceitos nem discriminações*, a equipe responsável optou por trabalhar os conceitos selecionados para o módulo por meio de diversas atividades<sup>2</sup> e uma delas foi o uso de livros de literatura infantil reconhecendo o trabalho com a literatura como uma forma consagrada de prática pedagógica no espaço escolar.

### **Gênero e educação**

Conseqüência das lutas históricas do movimento feminista, políticas públicas relacionadas à inserção da perspectiva de gênero na educação começaram a surgir nos documentos legais a partir da Constituição de 1988 e depois com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998). Essas políticas representaram um avanço, porém, segundo Vianna e Unbehaun (2006, p. 407):

...embora esses documentos constituam importantes instrumentos de referência para a construção de políticas públicas de educação no Brasil, a partir da ótica de gênero, contribuindo com a formação e com a atuação de professoras e professores, essas políticas não são devidamente efetivadas pelo Estado.

Entre as questões levantadas pelas autoras em sua análise de documentos de políticas públicas no Brasil, está o questionamento acerca da sistematização e aprofundamento das questões que compõe a perspectiva de gênero e outras, como as de classe etnia, orientação sexual e geração, num trabalho constante e permanente junto aos educadores e ao currículo.

Para uma efetiva inclusão de questões voltadas para o combate às desigualdades sociais, ações como o curso que está sendo comentado neste trabalho deveriam multiplicar-se tantas vezes quantas for necessário. Trabalhar conceitos, noções, construções e desconstruções<sup>3</sup> leva tempo e demanda um esforço conjunto, não basta constar nas

---

<sup>2</sup> Foram trabalhadas atividades envolvendo brincadeiras, músicas, hora do recreio, teatro, situações de sala de aula, situações de família, produção artística, contação de histórias, momentos de depoimentos e de reflexões conjuntas.

<sup>3</sup> Louro (1997, p. 30) situa a idéia da desconstrução referindo-se à historiadora Joan Scott que coloca “a idéia de que é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino”, reforçando que essa oposição também “é construída e não inerente e fixa”. E ainda, em Louro (2004, p.42) “Desconstruir um

orientações ou legislações, é preciso aproximar a escola e todos que participam dela às contribuições dos especialistas e suas construções teóricas. Para AUAD (2006, p. 86):

A escola, para que haja aprendizado, interfere nas hipóteses das crianças sobre os conhecimentos matemáticos, científicos e lingüísticos. Da mesma maneira, há de se intervir nos conhecimentos relativos às relações de gênero, às relações étnico-raciais, geracionais e de classe, para que as discriminações e desigualdades acabem.

E ainda mais, é preciso extrapolar os limites da sala de aula e envolver todos que fazem parte da escola, pois “cada espaço da instituição - as salas de aula, a sala de professores, a cozinha, o saguão, o corredor ou o pátio – tem características comuns e, também, particularidades que lhe são próprias, configurando sua própria cultura” (STIGGER e WENETZ, 2006, p. 73)<sup>4</sup>.

A abordagem do conceito de gênero procurou proporcionar o entendimento da construção social e histórica que se fez em torno dos sexos e das desigualdades que decorreram dessa construção, enfatizando o aspecto relacional e social do conceito e considerando o “gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997). Apoiou-se em Meyer (2003, p. 16), que contextualiza o conceito de gênero fundamentado numa abordagem feminista pós-estruturalista, com base em Michel Foucault e Jaques Derrida, considerando o corpo “como um construto sociocultural e lingüístico , produto e efeito de relações de poder”. Houve uma grande preocupação em trabalhar a idéia de que tanto as questões de gênero como as de sexualidade são social e historicamente construídas e, portanto, podem ser transformadas e modificadas. Segundo Louro, (1997, p. 28):

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe ...

### **Sobre a literatura infantil**

Optou-se por trabalhar com literatura infantil por ser uma prática bastante comum nas atividades pedagógicas, sejam na escola ou no meio familiar. A literatura infantil compreende um universo de simbolizações e significações que se situam numa posição

---

discurso implicaria minar, escavar, perturbar e subverter os termos que afirma e sobre os quais o próprio discurso se afirma.”

<sup>4</sup> Pesquisa realizada visando estudar as relações de gênero que se manifestam no momento do recreio escolar.

privilegiada de comunicação com a criança, sua linguagem, ilustrações e formatos tem sido pensados e testados para esse fim entendendo que, a partir da centralidade que a criança assumiu na cultura contemporânea, ela também se constituiu em um grande mercado consumidor (FELIPE, 1999, 2000, 2003; GOUVÊA, 2005; ZILBERMAN e LAJOLO, 1991; ZILBERMAN, 2003).

Os setores acadêmicos ligados à crítica da literatura infantil como recurso pedagógico ressaltam que o uso de livros e histórias infantis como pretexto para abordar questões pedagógicas compromete o caráter artístico dessa modalidade de literatura (SILVEIRA, 2003). Para alguns autores a literatura pertence ao campo do lúdico e da emoção e sua subordinação ao discurso científico-pedagógico pode até aniquilá-la (BURGARELLI, 2005).

No entanto, a criação e consolidação da literatura infantil estão historicamente ligadas a questões de cunho pedagógico. Gouvêa (2005, p.81), fazendo um resgate da construção histórica da literatura infantil, coloca:

De maneira característica, a literatura infantil definiu-se historicamente pela formulação e transmissão de visões de mundo, assim como modelo de gostos, ações, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor. Construiu-se a concepção de um texto literário em que o caráter pedagógico fez-se especialmente presente. Ao mesmo tempo, à menoridade da infância associou-se a menoridade da produção literária, no interior desse campo cultural.

Sabe-se hoje, que a literatura infantil tem uma trajetória histórica vinculada ao contexto social em que surgiu e se consolidou e que, a partir daí conquistou um espaço próprio e importante como um gênero literário. Salientamos que neste trabalho não estamos reduzindo a função da literatura infantil a um recurso pedagógico, mas estamos nos valendo de um universo onde as questões principais desse trabalho: as questões de gênero e da diversidade sexual possam ser abordadas com as crianças de forma lúdica e sem modelos definidos.<sup>5</sup> Como afirma Zilberman (2003, p. 12):

O fato de a literatura infantil não ser subsidiária da escola e do ensino não quer dizer que, como medida de precaução, ela deva ser afastada da sala de aula. Como agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar.

Silveira (2003) destaca a idéia de que mesmo sem finalidade explícita de ensinar os livros infantis carregam uma ideologia implícita com estruturas sociais assumidas e valores. Silveira e Santos (2006, p.1), complementam:

---

<sup>5</sup> A escolha dos livros privilegiou aqueles em que a normatização através de representações das relações de gênero e da sexualidade é subvertida de alguma forma.

Assim, mesmo a literatura infantil produzida nos anos mais recentes que se pretende “emancipatória”, ou “não pedagogizante”, “não moralizante”, não foge à contingência de carregar consigo representações de mundo, consciente ou inconscientemente nela plasmadas pelo autor, assim como não pode sofisticar demais seus recursos, sob pena de ser rejeitada pelo leitor infantil.

Em muitos casos, porém, está explícita a intenção de problematizar e oferecer possibilidades de leituras de mundo para as crianças de forma a questionar os padrões hegemônicos.<sup>6</sup> A literatura infantil também está relacionada ao desenvolvimento da linguagem, através da ludicidade, da linguagem simbólica, da linguagem imagética, da linguagem verbal, a criança entra em contato com uma série de estímulos que vão auxiliá-la em seus processos de aprendizagem e em sua formação como um todo (CANDIDO, 2003).

### **As vivências**

Uma das atividades desenvolvidas com o grupo foi iniciada com a leitura do livro “Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos” de Sandra Branco. Após a leitura deste livro fez-se uma discussão acerca de como a autora utiliza estereótipos sobre as relações de gênero e posteriormente questiona-os. Levantaram-se os pontos positivos e negativos deste livro e como ele poderia ser utilizado em sala de aula para desconstruir padrões socialmente construídos para o comportamento de meninas e meninos.<sup>7</sup>

A autora propõe uma reflexão sobre as representações de gênero através dos pés e as situações corriqueiras onde as desigualdades são reforçadas e naturalizadas no discurso. As participantes do grupo elogiaram muito a forma de abordagem da autora e a ilustração do livro, destacando a delicadeza com que o tema foi exposto.<sup>8</sup>

Na seqüência, fez-se a leitura do livro “Diversidade”, de Tatiana Belinky. Um ponto positivo levantado pelo o grupo é que este livro mostra que não importa como as pessoas são elas devem ser respeitadas e que a diferença não deve ser traduzida em desigualdade. Os dois pontos negativos identificados pelas participantes foi o fato do livro estar escrito

---

<sup>6</sup> Para Sefon (2006, p. 1): Os livros são importantes artefatos culturais e, no Brasil, desde 1980, vêm reforçando seu lugar junto a crianças, professores/as e familiares, como veiculador pedagógico, que ensina, dentre outros aspectos, o ‘certo e o errado’, o ‘bom e o mau’, os modos de ser ‘menino e menina’, de ser ‘pai e mãe’.

<sup>7</sup> Um trecho do livro: *Não importa... se os seus pés são grandes ou pequenos, nem se você chuta bola ou brinca com bonecas, ou os dois, ou até nenhum dos dois, nem se você usa sapato rosa ou azul, ou até mesmo nenhum dos dois ...*

<sup>8</sup> Segundo Santos e Hessel (2006, p. 1) “Desde muito cedo, variadas instancias, como a família, as instituições escolares, a mídia e os diferentes artefatos culturais, procuram instituir nos corpos infantis as identidades de

todo no masculino e a única menção às meninas traz o adjetivo “pequeninas”, o que demonstra como o grupo já estava atento e crítico às questões de gênero trabalhadas até o momento. Com a leitura destes livros pode-se discutir as representações neles apresentadas, questionar outros livros de literatura infantil com o intuito de sensibilizar as participantes acerca das representações de gênero presentes nos diversos tipos de publicação que podem ser utilizadas como apoio às atividades de ensino/aprendizagem, bem como levantar o questionamento sobre a desconstrução dos modelos presentes nos livros de literatura. Como afirma Louro (1997, p. 59) “Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicados na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar”.

### **E as famílias?**

Para introduzir a discussão sobre tipos de famílias foram feitas algumas perguntas ao grande grupo, como:

O que é uma família? O que transforma pessoas em família? Família pressupõe proximidade física? E quanto aos que vivem em outro lugar, não são considerados como família? Família pressupõe laços de sangue?

Nos depoimentos das pessoas presentes ficou muito marcada no primeiro momento a visão de um modelo ideal de família<sup>9</sup> – a chamada família nuclear - composta de pai, mãe e filhos com papéis pré-definidos. Segundo Narvaz e Koller (2006, p. 52):

Estudos com famílias brasileiras (Bernardes, 1995; Hileshiem, 2004; Narvaz, 2005; Szymansky, 1977) apontam estereótipos acerca da divisão do trabalho dentro do ambiente doméstico de acordo com o sexo da pessoa e demonstram a tradicional distinção entre os papéis do pai e o da mãe na chamada família nuclear, formada pelos pais e seus filhos dependentes.

Isso marca a força da visão patriarcal<sup>10</sup> de família, que foi historicamente construída e ideologicamente mantida através da dominação masculina (NARVAZ e KOLLER, 2006). Essa construção diz respeito também às questões de gênero. O grupo foi levado, através de

---

gênero (...)” daí a necessidade de abordar o assunto desde cedo.

<sup>9</sup> Sobre a história da constituição da família nuclear ocidental ver: ARIÈS, P. (1986); e PONCIANO e CARNEIRO (2003).

<sup>10</sup> Conforme Narvaz e Koller (2006, p. 50): O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (Millet, 1970;

apontamentos e explicações a pensar sobre os papéis desempenhados dentro das famílias, pois, como já foi mencionado o modelo patriarcal construiu também todo um campo de ação, comportamentos e responsabilidades para os homens, para as mulheres e para as crianças de acordo com seu sexo. A forma de perceber a criança dentro da família e a atribuição de papéis a serem desempenhados por ela dentro da dinâmica familiar também é resultado da mesma construção histórica<sup>11</sup> que elegeu um modelo de família e normatizou os papéis familiares. Kamers (2006, p. 109) enfatiza que “desde os clássicos estudos de Áries (1981) e Postmann (1999) sabemos que a modernidade, ao instituir um novo lugar para a criança, inaugura, em relação à família, novos discursos em que as funções parentais adquirem novas exigências imaginárias.”

No desenvolvimento do trabalho foi repetidamente ressaltada a questão histórica da construção social que foi elaborada pela sociedade para sustentar um determinado modelo de família em seu discurso normativo. A idéia foi flexibilizar a forma de pensar a família e as relações familiares de modo a compreender que não há necessidade de um modelo pré-estabelecido, entendendo que essa compreensão é necessária para sustentação e manutenção do respeito à diversidade, às formas de família que não sigam o padrão patriarcal.<sup>12</sup> Para Narvaz e Koller (2006, p. 53) “é preciso revisar a idéia hegemônica de família e de papéis familiares, dado que o estigma atribuído aos sujeitos que vivem configurações e papéis alternativos aos normativos é opressivo, fonte de sofrimento psíquico e terreno fértil para desigualdades e violações”.<sup>13</sup>

Sabe-se que, no trabalho, os profissionais envolvidos com educação, professores ou não, vão relacionar-se com alunos cujas famílias não necessariamente se encaixam no padrão mencionado<sup>14</sup>. Os próprios profissionais, no campo individual, experimentam formas de estrutura familiar que não correspondem ao padrão que muitas vezes é eleito por eles como ideal. Isso ficou evidente nas falas das pessoas enquanto refletiam sobre o

---

Scott, 1995).

<sup>11</sup> Sobre a história da criança, ver: ARIÈS (1986) e BADINTER (1985).

<sup>12</sup> Para Narvaz e Koller (2006), as famílias brasileiras apresentam configurações diferentes, alternativas ao modelo tradicional, como famílias chefiadas por mulheres, famílias extensas, famílias de criação e os casais e famílias homossexuais.

<sup>13</sup> A partir de 1965 gays e lésbicas passaram a reivindicar o direito a paternidade/maternidade e reivindicaram uma cultura da família que repetia o modelo que haviam contestado (RODRIGUES, 2005).

<sup>14</sup> Até mesmo as expectativas dos professores quanto ao acompanhamento das atividades para casa pressupõe um “modelo de família e papel parental ideal, com base nas divisões de sexo e gênero (...)” (CARVALHO, 2004, p.42).

assunto.

Fez-se a leitura do livro infantil “O livro da família”, de Todd Parr, que trata de forma lúdica as possibilidades de estrutura e compreensão de família. O livro apresenta o assunto com frases simples e curtas<sup>15</sup>, porém com grande impacto resultante da profundidade do assunto e das ilustrações muito coloridas e engraçadas. O traçado dos desenhos que ilustram o livro tem uma aparência de desenho infantil denotando uma idéia de sinceridade e o uso das cores fortes não seguem padrões.<sup>16</sup> As famílias são representadas tanto por desenhos de pessoas como por desenhos de animais, recurso muito utilizado para despertar o interesse da criança.

O objetivo da leitura deste livro foi problematizar a discussão sobre tipos de famílias, mostrando e ressaltando a diversidade e questionando o padrão de família hegemônico: pai, mãe, filho e filha. Essa atividade levou a discussão acerca das datas comemorativas, bem como de que forma essas datas estão sendo trabalhadas no ambiente escolar e como podem ser adaptadas para que contemplem as diversas estruturas familiares e, conseqüentemente, a realidade de um maior número de alunos e alunas.

Com esta atividade pretendeu-se, também, discutir os conceitos de diferença e desigualdade, buscando evidenciar que todos são diferentes, porém as diferenças de cultura, idade, sexo, classe, raça, não podem ser traduzidas em desigualdade e em situações nas quais pessoas são valorizadas em detrimento de outras (SILVA, 2004).

Durante a leitura do livro foi possível perceber a comoção de algumas pessoas diante das afirmações do texto, comentários do tipo: “*Puxa, é mesmo...*” representaram a necessidade de aprender mais sobre diversidade, respeito e possibilidades. A construção das representações referentes aos modos de ser homens e mulheres, traduzida na questão de gênero, foi bastante trabalhada com o grupo depois da leitura do livro e da discussão inicial. Através das falas, algumas pessoas demonstraram não ter noção que suas concepções sobre gênero e papéis definidos para os membros de uma família não são imutáveis e podem ser organizados de outras formas.

Após um tempo de discussão e reflexão o grupo demonstrou facilidade de

---

<sup>15</sup> Algumas frases são: *Em algumas famílias todos são da mesma cor*  
*Em algumas famílias todos são de cores diferentes;*  
*Algumas famílias têm duas mães e dois pais*  
*Algumas famílias têm só pai ou só mãe;*



compreender que a estrutura familiar vem se modificando através do tempo e das lutas sociais<sup>17</sup> e que é urgente que a escola e seus profissionais considerem e procurem contemplar em suas atividades a diversidade de famílias que possam existir ou serem ainda construídas<sup>18</sup>.

Foi mencionado também que as famílias que se encaixam no padrão tradicional não devem ser condenadas ou criticadas por essa escolha, a questão é reconhecer e respeitar todas as formas de estruturação familiar sem que uma seja considerada mais certa ou mais adequada que outras. Sobre isso Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005, p. 186) em sua pesquisa sobre papéis de pai e mãe na família contemporânea, complementam:

Os dados refletem de forma clara que as mudanças nas funções e papéis na família contemporânea não vêm ocorrendo com a mesma intensidade em todos os núcleos. Coexistem modelos familiares e há um descompasso nas mudanças (...) Não podemos pressupor um modelo ideal, igualitário e equilibrado (...).

No que se refere às mudanças na estrutura familiar a questão da divisão de papéis, funções e modos de ser de homens e mulheres foi abordada por meio de relatos dos participantes sobre suas experiências pessoais. Os relatos foram muito ricos e por meio deles foi possível trabalhar as questões de gênero e as possibilidades de mostrar para as crianças outras formas de dividir os papéis e as tarefas dentro da família. Em vários momentos as professoras do grupo reforçaram a necessidade de sugestões de abordagem de gênero para sua vivência em sala de aula. Demonstraram interesse em aprender para modificar, ou pelo menos, oportunizar aos seus alunos o contato com formas mais igualitárias de vivenciar as funções familiares.

Um aspecto marcante também foi o exercício realizado por algumas participantes do grupo de questionar a forma de vida e relações familiares vividas por suas mães em comparação com as suas. O raciocínio foi também direcionado a entender *porque* suas mães, pais ou avós construíram suas relações de uma maneira e não de outra. Esses questionamentos ilustraram que formas de viver vão sendo passadas de uma geração à outra muitas vezes totalmente desconectadas com o momento histórico e social vivido por cada geração. Como complementação foi ressaltada a necessidade de oferecer outras

---

<sup>16</sup> Há desenhos de pessoas de rosto azul, amarelo, cabelo cor-de-rosa, por exemplo.

<sup>17</sup> Sobre as transformações na estrutura familiar contemporânea ver: KAMERS (2006); MACHADO (2005); ROUDINESCO (2003); RODRIGUES (2005).

<sup>18</sup> Sobre conjugalidades e parentalidades e de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil, ver GROSSI, MELLO e UZIEL, 2006.

oportunidades às próximas gerações, num movimento de superação e transformação e não exclusivamente de repetição. O que é bom deve ser mantido e passado para as próximas gerações, entretanto, muita coisa precisa ser mudada para que as relações familiares sejam mais igualitárias.

### **Lendo e apreciando**

Para concluir a temática, dividiu-se a turma em 7 grupos e distribuiu-se um livro de literatura infantil para que cada grupo fizesse a leitura e identificasse para que idade o livro poderia ser utilizado, quais conteúdos poderiam ser trabalhados com ele, os pontos positivos e negativos de cada livro e posteriormente falassem para o grande grupo acerca de suas impressões sobre o material por elas lido.

Os livros distribuídos foram “Mamãe botou um ovo”, de Babette Cole; “Cabelinhos nuns lugares engraçados”, de Babette Cole; “Ceci tem pipi?” e “Sementinhas de fazer bebês”, de Thierry Lenain, “Faca sem ponta, galinha sem pé”, de Ruth Rocha, “Menino brinca de boneca?”, de Marcos Ribeiro e “O menino que brincava de ser”, de Georgina Martins.

Em geral o grupo apreciou muito o conteúdo, as ilustrações e as formas de abordagens dos livros selecionados. Muitas participantes relataram que não conheciam os títulos e que o acesso aos lançamentos e catálogos de livros de literatura infantil era difícil. Os livros selecionados abordavam de forma lúdica, às vezes engraçada e com muita sensibilidade tanto as questões de gênero como a sexualidade e a diversidade sexual. Entendendo que a sexualidade está sempre relacionada às construções de masculino e feminino, o assunto foi sendo trabalhado ao longo do módulo, pois, determinar um momento em separado para tratar de sexualidade seria contradizer a toda opção teórica e conceitual assumida.

### **Considerações**

Os relatos finais e a avaliação do grupo confirmaram a importância de se trabalhar as questões de gênero e diversidade sexual na escola e a pertinência de fazer esse trabalho por meio da literatura infantil. Os participantes demonstraram prazer e satisfação na realização das atividades com livros infantis, pois puderam ver neles uma ferramenta que pode dar suporte aos mesmos no cotidiano escolar.

As falas e reações de todos os participantes do grupo revelaram em vários momentos o movimento de naturalização dos preconceitos e discriminações, mesmo trabalhando com educação, questões importantes para a formação das crianças e dos próprios profissionais passam despercebidas. Ao longo do trabalho as pessoas foram demonstrando que seus olhares e suas percepções estavam ficando mais aguçados para as questões de gênero e diversidade sexual. O depoimento de uma professora sintetiza o que foi claramente percebido pelo grupo:

*...não vai ser fácil, mas nada que não possamos começar a tentar mudar essa cultura...*

*...porque...eu sou uma que já tinha alguma informação, já tinha ido atrás, já tinha pesquisado esses assuntos, claro que superficialmente... mas esse curso pra mim tá dando vários motivos pra eu me perguntar coisas que há cinqüenta anos eu convivo e eu nunca me perguntei... nunca me perguntei ...<sup>19</sup>*

Enfim, as atividades com livros de literatura infantil revelaram-se importantes para provocar a discussão sobre as temáticas de gênero e diversidade sexual. Os participantes puderam relacionar a teoria que tiveram acesso durante o curso a algumas formas de abordagem prática em suas salas de aula ou em seus locais de trabalho.

### **Referências**

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BURGARELLI, Cristóvão Giovani. Literatura para literaturar. **Estilos da Clínica**, jun. 2005, vol.10, no.18, p.54-59.

CANDIDO, Amélia Fernandes. A especificidade da literatura infantil como instrumento de estímulo ao desenvolvimento da linguagem. **Dobras da Leitura**, ano IV, n.16, set/out, 2003. Disponível em [www.dobrasdaleitura.com](http://www.dobrasdaleitura.com). Acesso em 13/01/2008.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-

---

<sup>19</sup> Depoimento de uma professora de segunda série do ensino fundamental.

família. **Cadernos de Pesquisa**, volume 34, n.121, jan./abr. 2004.

FELIPE, Jane. Construindo identidades sexuais na Educação Infantil. **Revista Pátio**. Porto Alegre, n. 7, nov. 1998/ jan. 1999.

\_\_\_\_\_. Infância, gênero e sexualidade. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 25, n. 1, dez-jan/ jul. 2000.

\_\_\_\_\_. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOUVÊA, Maria, Cristina, Soares de. Imagem do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, volume 31, n. 1 pp. 79-91, jan-abr/2005.

GROSSI, Miriam; MELLO, Luiz; UZIEL, Anna Paula. Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, volume 14, n.2, maio/agosto, 2006.

KAMERS, Michele. As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. **Estilos da Clínica**, vol XI, n.21, pp. 108-2005, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Ilka, Vier. Reflexões sobre concepções de família e empresas familiares. **Psicologia em estudo**, Maringá, volume 10, n. 2, pp. 317-323, mai-ago/2005.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia e Sociedade**, volume 18, n.1, pp. 49-55, jan-abr/2006.

PONCIANO, Edna Lucia; CARNEIRO, Terezinha Feres. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, volume VIII, n. 16, pp. 57-80, jul-dez/2003.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

RODRIGUES, Adriana. As novas formas de configuração familiar: um olhar histórico e psicanalítico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, volume 13, n. 2, pp. 437-439, maio/ago/2005.

SEFON, Ana Paula. Afetos de pai: representações na literatura infanto-juvenil. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Nas tramas da literatura infantil: olhares sobre personagens “diferentes”. **Anais do II seminário Internacional Educação Intercultural, gênero e movimentos sociais**, Florianópolis, UFSC, 2003. Disponível em [www.rizoma.ufsc.br](http://www.rizoma.ufsc.br). Acesso em 30/08/2007.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SANTOS, Cláudia Amaral dos. Para meninos e meninas cruzarem as fronteiras impostas aos gêneros. **Dobras da Leitura**, ano VII, n.31, março, 2006. Disponível em [www.dobrasdaleitura.com/revisão/gênero.html](http://www.dobrasdaleitura.com/revisão/gênero.html). Acesso em 03/09/2007.

STIGGER, Marco Paulo; WENETZ, Ileana. A construção do gênero no espaço escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, volume 12, n.1, janeiro/abril, 2006.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUN, Sandra. Gênero na educação Básica: Quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, volume 27, n.95, maio/ago. 2006.

WAGNER, Adriana, PREDEBON, Juliana MOSMANN, Clarisse e VERZA, Fabiana. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, volume 21, n.2, pp. 181-186, mai-ago/2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira – História e histórias**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

#### **Bibliografia (Livros de Literatura Infantil):**

BELINKI, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.

BRANCO, Sandra. **Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?** São Paulo: Cortez, 2004.

COLE, Babette. **Cabelinhos nuns lugares engraçados.** São Paulo: Editora Ática, 1999.

COLE, Babette. **Mamãe botou um ovo.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

LENAIN, Thierry. **Ceci tem pipi?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

LENAIN, Thierry. **Sementinhas de fazer bebês.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2003.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser.** São Paulo: DCL, 2000.

PARR, Todd. **O livro da família.** São Paulo: Panda Books, 2004.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.